



UM POBRE

Busto em bronze, escultura de Fernandes de Sá



PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200. rs.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 269

Braga, 24 de agosto de 1918

Anno VI

Monte-Pio de Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

— O clérigo d'ordens sacras, que desajiar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não sofre de malestia actual, ou habitual (pajavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 88, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochia de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do lazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livreria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos meliores e com acatamento de 20% de desconto pharmacos mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no lazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



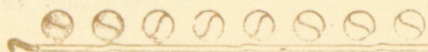
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..

Vago

Colégio Académico

GUIMARÃES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade

Bons resultados nos exames e
sólida educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores.

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

P.º José Maria dos Santos

Vago



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario Joaquim A. Pereira Villela. Director Dr. F. de Souza Gomes Velloso

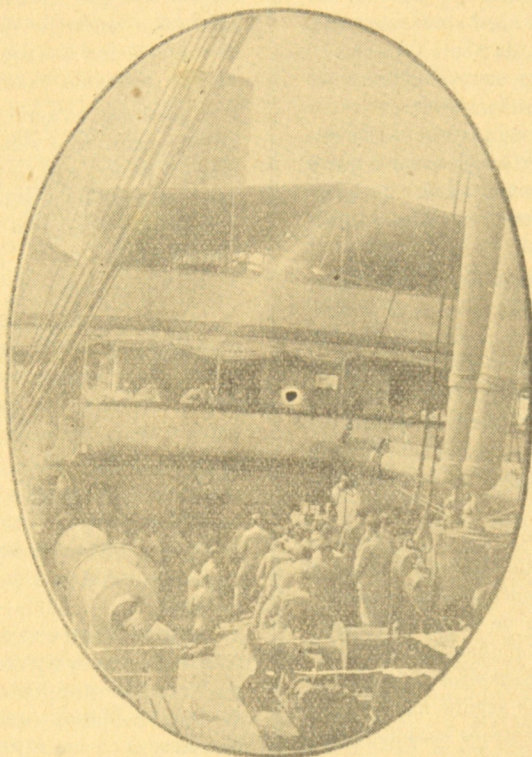
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 24 de Agosto de 1918

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 269—Anno VI



N'este momento eu crênte, evôco Deus,
A Patria, o Lar na terra desej-da,
Onde chorando, a Esposa abençoada
E os Velhos Pais, coordenam traços meus!

Mario d'Almeida

Tenente-medico

*Paquete Moçambique,
17 de Março de 1918.*

Praias durante a guerra

PELA corda do Douro, á beira-mar, nas dezenas de fontes médico-milagreiras a dois mil reis por attestado nas gazêtas, tratamento gratuito e quarto e comida de bór-la nos hoteis para a sumidade que jura por sua honra que viu coxos e volveram a correr, e cégos com vista ao fim de trez semicúpios na *formosa* estancia (onde ha jogo, bailarinas e o *flirt* indispensavel, ex.^{mas} meninas); pela corda do Douro, á beira-mar, nas dezenas de fontes thermaes do paiz vae agora o rumor dos que se estafam... para descansar.

Cá da cidade, os forçados do calor, do trabalho, do ganha-pão, ao lerem, pela manhã, no electrico, os telegrammas das Pedras, do Vidago, de Canavezes, de Vizella, do Gerez, das Taypas sentem a púa das invejas a enterrar-se-lhes ahí por alturas do figado, atravez dos anemicos bolsos do collête onde se costuma trazer os patácos republicanos e algum *nikel* ainda não transformado em cautellas de tostão, da Santa Casa das loterias. Imaginam os inditosos uns mezes deliciosos passados no virgiliano frescor do *sub tegmine* por todos os bafejados pela guerra, que alguns tórvos correspondentes descrevem como hórrido vendaval e que a elles, aos ditosos, é como a brisa que faz marmurinhar os ribeiros e acenar brandamente as ramarias dos salgueiros... Que illusão!

Ha dias um accaso levou-me a Espinho. A' noite, curiosamente, visitei as tavolagens. Todas á cunha, como os cafés, como os *cinemas* e os passeios. Senhoras, acompanhadas da respeitavel e prometedora próle, *apontavam* aos numeros, com um ar de experiencia bem provada, aquelle ar de serenidade que diz cynismo, diz desconfiança, diz vicio arreijado, irreprimivel, diz o alquebramento deslaçado da vontade e dos nervos.

O feminismo! A certa altura, quando entrava n'um salão de jogatina, fui detido por um rapazêlho que sabia esbofando, as mãos enclavinhando-se contra o peito, a gritar em desafôro de ebrio ou de maluco:—estou rico! estou rico! ganhei 700 mil reis! vamos prá bór-ga! Logo companheiros accorrêram abraçando-o e fazendo grupo que seguiu não vi para onde, sob os olhares dos provincianos assentados ao longo dos passeios ou passeando na rua.

Lembravam-se elles lá dos boatos que zunem, annunciando outra vez, e a vêr se péga, a revolta com que Bernardino e Affonso mais os outros, sonham em Hendaya, em Londres, em Paris e em Madrid!

E todavia os democraticos já sorridentes avisam

de que isto está por um fio — o fio da conspiração, naturalmente, que os defensores do existente afiançam estar nas mãos do sr. ministro do interior a quem, por fallar forte e feio, as gazêtas radicaes puzeram, recordando o *Campanone*, o nome de *Tamagnone*, com uma falta de graça só equalavel á vil grosseria d'aquelles *heroicos* professores primarios, subvencionados pelo Dr. Alfrêdo de Magalhães, que n'um papelucho de Fafe quizeram atirar contra as camas onde em Cintra dormem o Dr. Sidonio Paes e o Dr. Cameira umas mancheias dos districtos escorrentes dos prostibulos onde se esbalgiam os recursos do Estado nos dias do á-tripa-fór-ra jacobino!

Q provinciano que veraneia, não procura descanso. Desceu do alto Minho ou do fundo das Beiras para *gosar*, e nada mais. Que gosem muito! — dizem os adeuses dos que ficaram por suas casas, a seguir nas ramadas o pinturejar dos bagos, o observar nos milharaes o aloirar das espigas, a vigiar pelos córregos o volume das aguas cantantes e renovadoras.

A politica, no geral, não o preocupa. O que elle quer é *gosar*. Se o sidonismo fór a terra, elle continuará a *gosar*; e já surprehendi o pae de dois soldados, que em França aturam o inferno das trincheiras, a responder a alguém que por elles lhe perguntára n'um *casino*:

—Por lá andam!

Como se aquillo de andar *por lá* fosse tambem andar no *goso*, n'um *goso* parecido e desejado com o mesmo furor com que as meninas, desamparadas de senso, suspiram pela praia, meditando o achado do namoro conveniente.

Um sargento chegado ha três dias das trincheiras, que viajava commigo n'um caminho de ferro do norte, revoltava-se todo com as f-estas e mais festas a que se entrega uma parte da nossa chamada gente limpa.

—Ha muito peor do que isso, meu caro senhor! retorqui eu.

E tirando do bolso do guarda pó o ultimo numero do boletim demographico do Porto relativo ao mez de novembro, mostrei-lhe a contra face ou o reverso d'essas festas e delirios n'um pequenino pormenor d'aquella estatistica:—em novembro morreram de sífilis na segunda cidade do paiz 15 pessoas, e d'essas 15 pessoas, 8 eram creanças cuja idade variava desde os 25 dias aos 8 mezes.

O sargento esbalgalhou os olhos!

F. V.

VIDA INTENSA

Por J. de Faria Machado.

No Marão.



S' oito o *Hudson* resfolegava, inquieto, á porta do Hotel. Partimos, correndo as largas ruas arborizadas, por onde a cidade se escoava nos suburbios. O Porto madrugava n'um entreabrir preguiçoso de janellas; na musica estridula dos seus pregões; gente humilde passava serena, endomingada, e aqui, além, um raro policia negrejava, pançudo e buçal, passeando sereno a ordem e a barriga. Crusamos a circumvallação e subimos á estrada de Penafiel, por entre sombrios pinhaes, hospedes discretos da boa sombra, enquanto a massa da casaria se ia agglomerando em baixo, com as suas torres allivas, as suas chaminés orgulhosas, desafiando o fundo negro da Sé, destacando-se ainda n'um derradeiro hausto de dominio. O auto sacudiu-se como um leão e galgou a pequena encosta embrachando-se n'um valle estreito de milheiraes sedentos, de pequenos casaes, pennachando fumo e respirando pelas janellas rasgadas felicidade e paz.

Cortamos Vallongo endomingado no seu feirão alegre, depois Paços de Ferreira e logo galgavamos o alto para olhar o valle adormecido de Vizella, Barrosas negrejando altiva ao cimo d'um cerro, a Penha, á entre penhescos, cobrindo a paisagem de bençãos e, lá no fundo, a arrebicada Vizella, com os seus aquistas e as suas fontes jorrando lufadas de vapor.

Voltamos para Felgueiras, subimos á Lixa e descemos para Amarante, alegre nas suas tradições, espanejado n'aquelle domingo quieto, as torres sinalhando repiques, a gente passando serena para o mercado e para as missas. Um ligeiro descanso para que o auto dessedentasse o seu estomago metallico, e subimos a Candemil, onde, n'um cabeça arborizado, alveja com a graciosa singellessa d'uma ermida, a thebaida d'Antonio Candido, que alli foi esconder o seu genio e as suas desillusões.

E ficava alli bem no primeiro degrau do Marão, o ninho d'aquella aguia que desferira os mais altos vôos de gloria e que agora alli esquecia, que uma patria ingrata o tivesse esquecido tambem. Vamos subindo o Marão. A paisagem torna-se mais severa e vac-se perdendo o verde dos campos, as frescas tonali-

dades dos val'es minhotos, surgem as fragas, os recovos, as gargantas apertadas onde no meio durze e carascas bravias, há o oasis fresco d'una courella verde, fazendo tapele a um casebre humilde coberto de lousa e sem a graça da cal. Subimos por uma estrada enrodilhada de curvas, que se não prevê, que se não advinha, colleando em caprichos ineditos o dorso da montanha que agora surge como um pesadello na sua grandesa de monstro. A paisagem tem o seu quê d'ep'peia, de trecho de poema antigo, onde as estrophes fossem canticos a uma região assolada de fogos e tremores.

Há qualquer coisa de natureza morta, de cratera apagada, de cyclopa serra de lenda, na severidade d'aquelles montes, na extensão d'aquelles cerros que se despenham para um fundo verde de searas longinquas, onde negrejam casas e onde ser vivo não se vê, que a gente tem a impressão d'olhar esses logarejos através do gargalo d'uma cratera, que um extranho fogo olimpico allumiasse a flux. Aqui, mais alem, passam rebanhos biblicos n'uma ingenuidade virgiliana d'ecl'oga antiga e por aquelles cerros onde as pedras dormem em caprichos que assustam, passa o sopro das montanhas macabras do Ramayana, das paisagens epicas do Olympo. Subindo, subindo, a mesma paisagem, a mesma solidão alcançamos a Portela, corremos na ligzira chá d'Espinho, e os nossos olhos delicias-se no verde d'um pequeno valle amanhado e fertil no embrincado do logarejo, todo unido, n'um instincto de defesa ao derredor d'uma pequena ermida, branca e religiosa como alma boa d'aquelle povo soffredor.

Depois Villa Real, Villa Pouca, Pedras e Vidago onde paramos para almoçar.

Mas alli mesmo, no conforto do seu comedor moderno, no meio d'aquelle ruido de civilisação e de luxo, a nossa alma só via esse Marão grandioso e inedito, que me lembrava a alma da terra Portuguesa, no tempo longinquo em que andou pelo mundo a ensinar bravura, a ensinar a resar, que d'aquelles cerros, erguia-se, na sua grandiosidade, na magestosa epopeia da sua belleza unica, a mais fervorosa oração á boa e malaventurada terra de Portugal...





SERÕES AMENOS



DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

L

O nariz nas leis.



CRESCENTEMOS algumas noticias curiosas ao pouco que do nariz na legislação nos deu o auctor italiano do capitulo traduzido no começo d'esta encyclopedia narigal.

O nariz foi objecto de especial carinho dos legisladores, especialmente dos ingleses, povo sobre todos senhor do seu nariz.

No castigo das mutilações distinguem os legistas antigos os membros pela ordem de sua importancia, avaliando esta pelas vantagens mais do odio que do amor. Expliquemos isto. Cortar uma mão, um dêdo, um olho, ou qualquer outra parte do corpo de cuja perda resultasse abatimento da coragem, inferioridade na lucta, era crime punido com maior severidade, que o de cortar uma orelha, o nariz, ou qualquer outra parte, mais ornamental que defensiva ou aggressiva cuja perda desfigurasse sem enfraquecer. Um maneta e um desnarigado podem ser eguaes perante o amor; no odio, luctando, o primeiro está inferior ao segundo, porque áquelle falta um órgão emissor de murros; a este, só lhe falta um órgão receptor onde os murros são precisamente mais desagradaveis, no dizer de Edmundo About.

A legislação foi-se modificando em favor do nariz, até chegar, em Inglaterra, ao estatuto 22 de Carlos II, intitulado *Acto de Coventry*. E' a mais severa lei profecionista do nariz! Occasionou-o o desacato de que foi victima o parlamentar João Coventry, a quem, por certas palavras violentas pronunciadas no parlamento, cortaram o nariz em plena rua. A lei estabeleceu d'ali em diante quem mutilasse a outrem na lingua, nos olhos, nos labios ou no nariz, seria reu de felonía com exclusão do privilegio clerical, para elle, para seus auxiliares e cumplices.

Ainda por causa do nariz houve na Inglaterra um processo celebre, que está narrado no *Panorama*, pelo teor seguinte:

«Quem residiu na Allemanha, e seguiu attentamente o estudo da jurisprudencia nesse paiz, conhece a sinceridade com que o sabio allemão pesquisa o espirito e profunda o sentido das leis e para penetrar seus principios verdadeiros sóbe á origem d'ellas. Em Inglaterra acha-se inteiramente o contrario: a letra da lei é tudo: perante o texto positivo nada são as inspirações da equidade natural.

O que está escrito como lei é justo, meramente porque é lei; e o caracter positivo da noção britannica descobre-se na observancia da sua legislação na mesma maneira que em os negocios correntes da sua industria e commercio.

•Nos livros se tem dicto acerca do exaggerado respei-

to dos ingleses á letra da lei e se tem citado por vezes singulares exemplos: o mais curioso em nosso entender é o que refere Muralt.

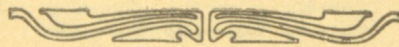
•Um homem tinha decepado o nariz a outro; por este maleficio foi citado para o tribunal competente e accusado do crime de mutilação. O advogado do reu, que bem sabia que o facto estava provado, procurou nos dictionarios de cirurgia o verdadeiro sentido da palavra mutilação e viu, que era a amputação ou destruição de um membro do corpo; procurando em seguida a palavra membro, achou que não poderia dar-se este nome senão áquella parte do corpo que se compusesse de músculos, nervos, veias e outras muitas causas, metade das quaes o bom do lettrado não divisava no nariz. Portanto fez consistir toda a defeza do seu constituinte em provar que o nariz, sendo destituído de certas partes essenciaes que formam os outros membros do corpo, não devia chamar-se nem reputar-se membro, e que, porisso, o corte do nariz não constituia mutilação á face da lei, e que, em conclusão, o seu cliente, não obstante ser reprehensivel a acção que praticara, devia ser absolvido como incompetentemente accusado do crime de mutilação. O jury adoptou este parecer e o desnarigador ficou quite do delicto e no andar da rua.

•Mas inda isto não é o mais interessante da historia: lembrou ao ministerio que a soltura do reu, pelas consequencias provaveis, ameaçava a existencia de todos os narizes em Inglaterra; pelo que levou ao parlamento uma proposta para determinar o genuino sentido da lei; uma solemne deliberação da assembleia legislativa declarou que o nariz era membro e que os tribunaes e cidadãos assim o ficassem entendendo e houvessem por certo d'aquella data em diante.

Curioso é tambem approximar esta sollicitude pela segurança do nariz, do cidadão ingles, d'uma lei antiquissima do Egypto, povo subdito hoje da Inglaterra. No paiz dos Pharaós o nariz devia de ser tambem objecto de estimação especial, visto que para o adulterio foi promulgada uma lei que punia o varão com cem bastonadas e a mulher com o corte do nariz.

Já repararam que afamosa Esphinge, pelo menos a dos compendios—que eu nunca vi a original—não tem nariz? Seria injuria do tempo ou amputação legal, sendo a Esphinge monumento commemorativo da vingança de algum Menelau egypcio?

Digam agora os sabios da natura
Que segredos são estes da escultura.





A MÃE!

Aos meus bons amigos Dr. Armando Barbosa,
Antonio Barbosa e Ex.^{ma} Familia.



Ex.^{ma} Sr.^a D. Emilia da Cunha
Barbosa, bondosa s^{ra} falecida
o 5 — VIII — 918
na casa do Couçeiro,
de Paredes de Coura.

Partiu, sorrindo, para a Luz d'Aurora...
— E veio recebê-la no caminho
A Virgem, Mãe de Deus, Nossa Senhora!

Era um rumo d'estrellas e de rosas,
Onde os Anjos cruzavam de mansinho
As brancas, longas azas setinosas.

Mas seu olhar de mãe, cheio de brilhos,
Ficava-se na Terra... E, dolorida,
Ouviram-na a chorar: «Deixei meus filhos!»

(Que o coração de mãe é de tal sorte,
Que morre pelos filhos, n'esta vida,
— E pelos filhos vive, além da morte!)

... E os Anjos do Senhor e os Astros, quando
Ouviram tal queixume n'essa Aurora,
Deixaram de cantar; e eil-os, pasmando:

— Ia a chorar também Nossa Senhora!...

Paredes de Coura.

Teixeira Pinto.

Na festa do Collegio dos Orphãos

7 de Agosto de 1918



A' flor, arrancada
Da haste, sem dó,
Que a espera? A levada
E o abysmo do pó.



A' ave perdida,
Sem paes e sem ninho,
Que a espera? A jazida
No pó do caminho.

Pois o orphão, senhores,
E' bem flor, bem ave,
Mas só nos horrores,
No horror que Deus sabe.

Transido de frio,
Que mata e espedaça,
E' um breve navio
No mar da desgraça.

Roxinho de fome,
Sem pae e sem mãe,
E' sombra sem nóme ;
E' nada, é ninguem !

As outras crianças
Têm lar, têm conforto,
Têm canticos, danças...
E elle é como um morto!

As outras têm mestre,
Têm livros e beijos :
Elle é pó terrestre
Que nem tem desejos.



Têm outras roupinhas,
Lavadas, de neve.
Padrinhos, madrinhas...
Ah! não se descieve!

E o orphão? Sem nada,
Nem pão nem exemplo,
E' um verme na estrada,
E' um mendigo no templo.

Por isso, o Collegio
Dos Orphãos, senhores,
Não é grande, é egregio...
E' templo de flores!

Foi elle que, um dia,
Do horror me salvou ;
Que, d'uma agonia,
Fez isto que sou,

E a tantos, a tantos,
Liberta do abysmo!
Sabeis com que encantos?
Pão e cathecismo.

Olhai ao redor!
Que faces tão bellas!
Que amor e esplendor!
Parecem estrellas!



José Agostinho.



RICARDO levantou-se sombrio. Dormira mal. Não dorme bem quem adormece cheio de fel. E com tal somno não podem haver lindos sonhos.

Apoderara-se d'elle uma febre viva.

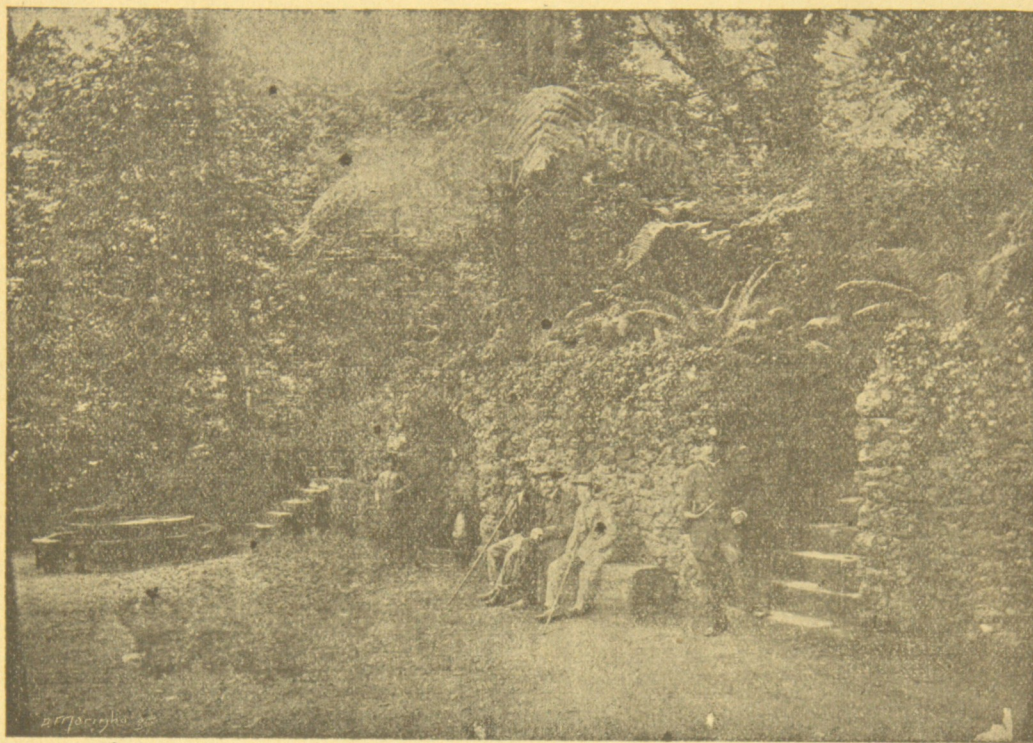
Dormia e despertava. A's vezes, despertando, estremezia com o menor ruido como se temesse inimigos invisiveis.

D'uma vez, levantou-se somnambulo e foi á janella, a arquejar. Abrindo os olhos recuou

Lavou-se em agua limpida, e pareceu-lhe turva. Encarou-se no espelho e teve horror de si. Sahiu do quarto para o ar livre. Madrugada carinhosa. A elle pareceu-lhe o principio d'uma orgia de sangue. Os recortes magestosos das serras lembravam-lhe patamares de patibulos.

O perfume das flores suggeria-lhe veneno e as hastes flexiveis e amorosas faziam-no pensar em punhaes torcidos.

Iam trinendo aves. Os trilos maguavam-no



No. 1 Bussaco.

espavorido. Um vulto enorme parecia ameaçá-lo. Mas logo se calou e sorriu. Esse vulto era o da Serra da Estrella para onde dava o seu quarto, exposto ao sul.

Deitou-se, readormeceu e tornou a escabujar em pesadellos, mas, antes de romper o sol, levantou-se.

Quanto a mim, ha muito levantar da cama que é cahir de rojo no abysmo.

Assim succedeu a Ricardo.

como libellos. O murmurio piedoso d'uma onte, proxima lembrou-lhe o *requiescat* sobre o cadaver de alguém que elle matara ou que ia matar talvez.

Caminhava, e cada passo era uma dor no coração. Subir-lhe-iam á alma os espinhos do solo?

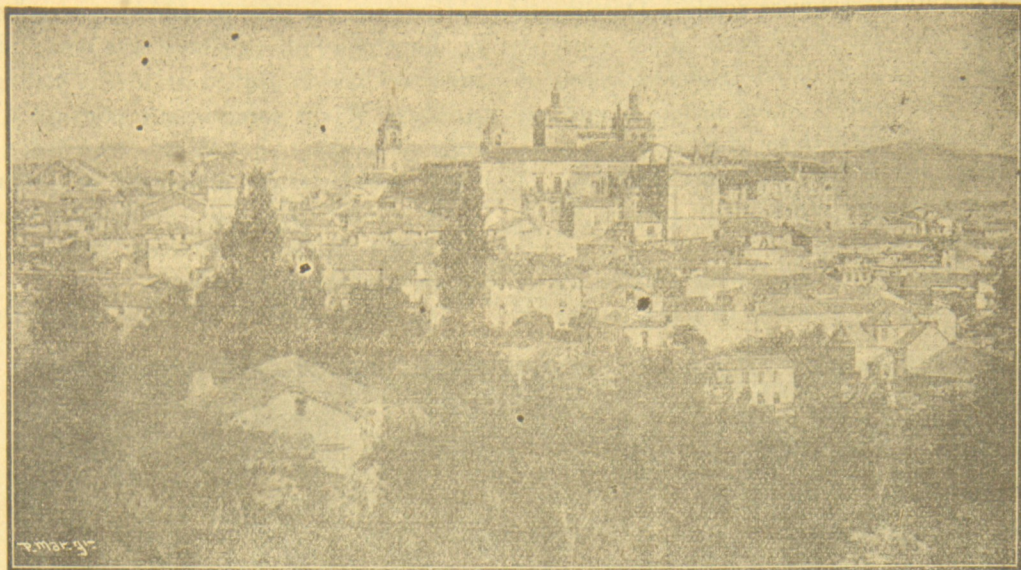
Emfim parou.

Esteve defronte d'aquella cortina gigantesca da Serra da Estrella que parece encarar com commoção de gigante vencido o riso, a graça,

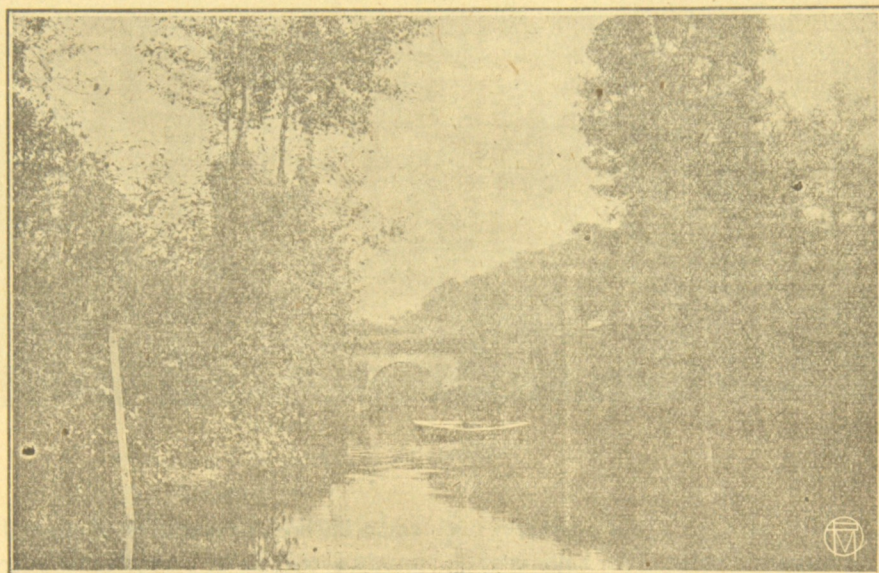
a serrana belleza, de Nossa Senhora do Castello, e dominadora linda da alva-casaria de Mangualde.

Ricardo parou ao pé do colossal castanhei-

Hel-de matá-lo. Não devo hesitar. Quem o seu inimigo poupa nas mãos lhe morre. E elle tem sido meu inimigo. Ah! roubou me a melhor riqueza—o amor de Isabel. Mato o, e entrego-me á prisão. Sem aquella, que eu julgava minha



Vizeu — Um aspecto da cidade.



S. Pedro do Sul — As margens do Vouga.

ro do caminho de Almeidinha. A'quella sombra, que o sol já doirava, sentiu-se refrigerado, mas a alma, cheia de trevas, tornou a escaldá-lo e a entristecê-lo. O monólogo fluctuou, enfim, como uma realidade viva sobre o fumo dos pensamentos intimos.

leal noiva, que me importa a vida? Cadeia, penitenciaria, degrêdo, tudo me é indifferente. Sê-lo-hia hoje para mim o cadafalso.

Vingar-me! Vingar-me d'elle e d'ella, que prazer!

E tirou do bolso o punhal miseravel. Con-

lemprou-o e sorriu. Depois, estremeceu ao ouvir tocar o sino da capella do solar de Almeidinha.

—E' verdade, Hoje é a festa. Bella occasião. Elle não falta. E' um beato. Ella tambem não. A essa cantada. Sermão. Incenso, flores, pompas. Muito bem. Assistirei, e á sahida... Ficarã de lembrança para muitas gerações.

Este solar é hoje amparado por uma santa viuva com tres filhas encantadoras e um filho.

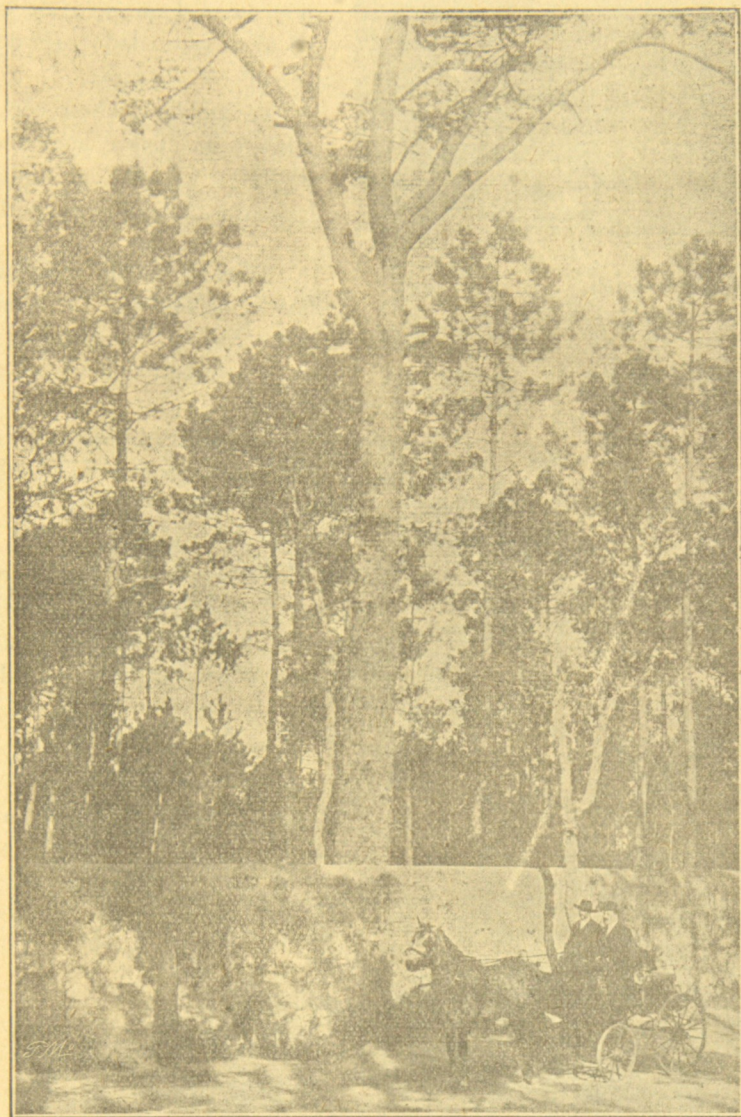
Quando o snr. Carlos Almeidinha morreu, tiberculoso, tão esbelto e tão melancolico, tão activo e tão fidalgo, todos deitaram lucto n'uma condolencia geral.

E ficaram a chorar e a orar em volta da nobre fidalga como filhos ao redor da Mãe Dolorosa.

E é ella que dá missas, terços e novenas ao povo extremoso, é ella que lhe dá pão, trabalho, conselhos, catechese e regras de hygiene, como uma verdadeira cura d'almas!

A sua linda e historica capella foi para mim — em dois saudosos annos — um refugio, um conforto, uma fortaleza. Alli soffri uma evolução dolorosa e pungitiva, comtudo bem menor do que a que padeço, aterrado por impulsos extranhos e pretenderem desviar-me da ineffavel adoração quotiçiana de Jesus-Hostia!

N'aquelle tempo, venci, caminhando devagar, mas com segurança. Hoje, sinto tanto a conspiração de diabolicos incidentes, que já entreguei de todo o plano de resistencia a esta singeleza: o escapulario de Nossa Senhora do Carmo. Ah! capella do solar de Almeidinha, quem te podera trazer nas mãos, como se podem trazer o Evangelho, a Imitação de Christo, o Tratado do Amor de Deus!



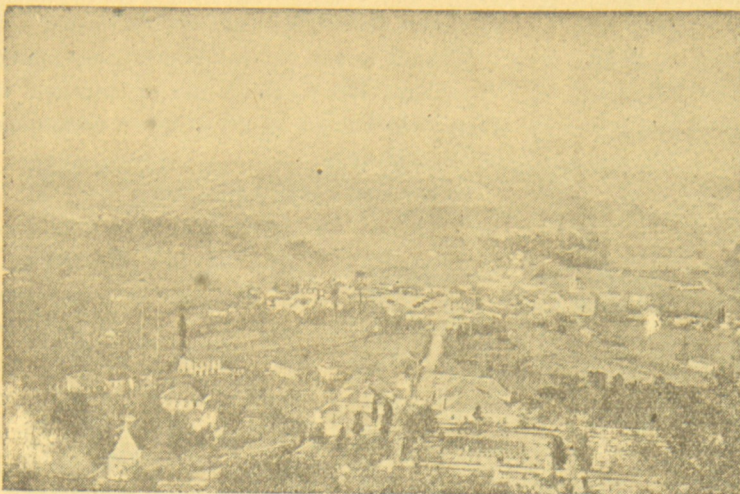
Pinheiro das sete cruzes, arvore secular, perto da Verjada, arredores do Porto.

E afastou-se do castanheiro.

*

Almeidinha é um povoado humilde, proximo de Mangualde. O logarejo vive da veneranda caridade do solar do visconde d'Almeidinha.

Começou a festa. Ricardo não se benzeu nem se ajoelhou. Hirto, debaixo do pulpito, poz o olhar duro na cabeça de Isabel que, loura e magnifica, se curvava com fervor. Perto d'elle, Augusto rezava tambem. Nenhum d'elles parecia sentir os punhaes d'aquelle olhar



Felgueiras—Villa de Margeride

pungente. Toda a multidão se via suspensa do cerimonial, e só se agitou, ao passar o prégador, muito moço, muito pallido, de cabeça tão pendida, que Ricardo julgou ver a sua victima depois de crivada de punhaladas.

E, pouco depois, a voz calma e evangelica commovia todos.

Só Ricardo parecia insensivel.

Não ouvia.

Estudava o plano hediondo.

Pregustava a vingança.

Saboreava o geral horror.

Pensava mesmo nas atitudes cynicas que tomaria depois do attentado.

De repente, porém, o prégador, como que com intenção determinada, disse em voz alta e forte:

— Diz o versiculo 32 do capitulo XIX da *Imitação de Christo*:

— Quanto mais te dispozeres a soffrer, tanto mais cordato serás e maior será teu merecimento. A firme resolução e o habito de soffrer te tornarão até mais suave o soffrimento. Nunca digas: Não posso soffrer isto de tal homem, nem devo aturar taes insultos. Injuriou-me gravemente e levantou-me coisas que nem ao pensamento me vieram... Este discurso é in discreto e vão... E o préga-

dor desenvolveu o texto. Ponderou a miseria das paixões humanas.

Pintou a importancia que o nosso amor proprio loucamente dá ás menores offensas.

Fez ver como a maior injuria, além de util provação, não passa d'um incidente que só temo valor dado pela nossa ridicula vaidade.

E, quando acabou, com a pintura da divina humildade de Jesus Christo, um soluço immenso abalava o auditorio.

*

Ricardo, pallido como um finado, sahiu logo que terminou o sermão. Depois, seguiu a pé, vertiginosamente, para Cubos, a estação do caminho de ferro de Mangualde.

— Ha algum comboio a partir já? perguntou.

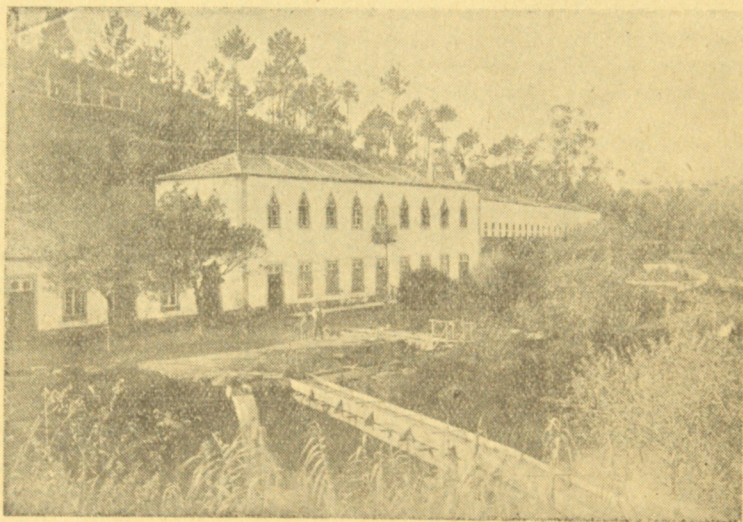
— D'aquí a meia hora, para Villa Franca das Neves — responderam-lhe.

Esperou.

D'alli a pouco, affastava-se de Cubos na locomotiva preguiçosa que atravessa aquella maravilha de tunneis, pontes e viaductos, n'um territorio que lembra a Suissa com sol da Provença,

Ricardo perdoara ao seu inimigo.

José Agostinho.

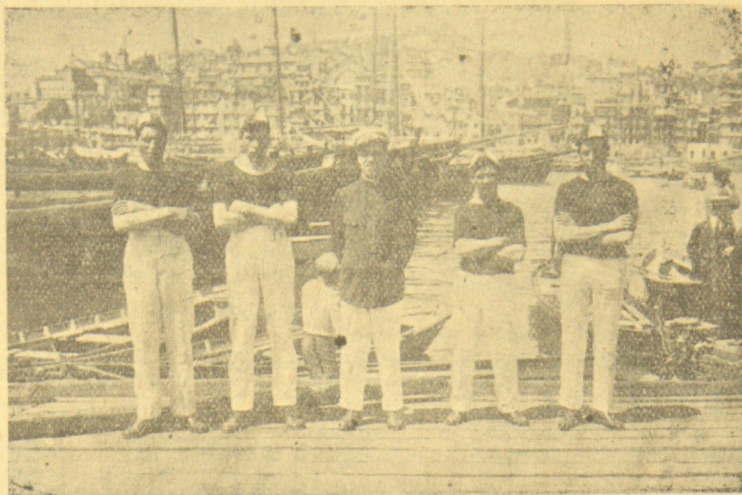


Paredes de Coura—Fabrica de manteiga de que é proprietario o ex-presidente da Republica Dr. Bernardino Machado

Club Fluvial Portuense

Com uma brilhante assis-
tencia realizaram-se ha dias
no Douro as importantes cor-
ridas promovidas pelo Club
Fluvial Portuense cujo resul-
tado foi o seguinte :

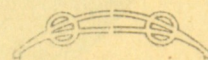
1.^a corrida — guizas —
Venceu a «Aurora» tripulada
por Carlos Pereira dos San-
tos (voga), José da Costa,
Domingos Dias e Antonio dos
Santos (timoneiro).



1 —Corrida de escaleres— A tripu-
lação do Club Fluvial Villacendense
vencedora da taça oferecida pela Ca-
mara Municipal do Porto.

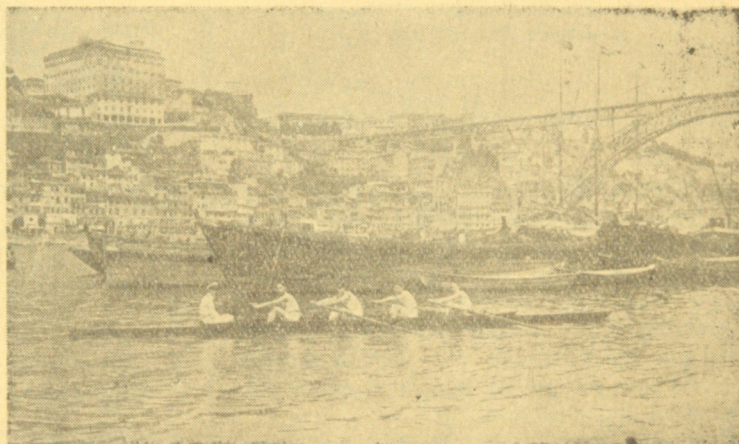
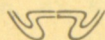
2—A tripulação do Club Fluvial
Portuense.

3—Corrida de guizas—A tripu-
lação vencedora da taça oferecida pe-
lo Club Feniano Portuense.



2.^a corrida — sapatas —
Vencedor Armando Ivo Guer-
reiro.

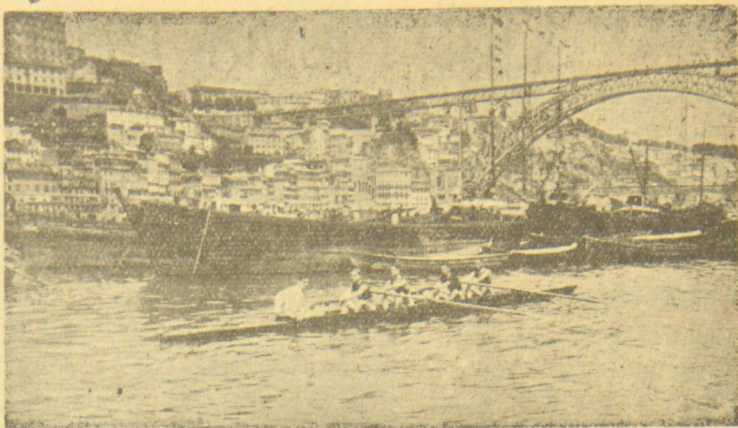
3.^a corrida — (Porto-Villa
do Conde) escaleres — Ven-
cedores — Coriolano Sarai-
va (voga), Americo Saraiva,
João Loureiro, Tancredo Sil-
va e J. Silva (timoneiro).



4.^a corrida—Vencedora o «Diu» timonado pelo sr. J. Ramos.

Corrida de natação — extra-programma :

Vencedores : 1.^o Ricardo Rodrigues, de 19 annos ; 2.^o Mario Albuquerque, de 12 annos ; e 3.^o Gaspar Monteiro, de 14 annos.



Club Fluvial Portuense—A tripulação do Club, timonada por J. Gomes.



Uma gentil menina flaviense, filha do nosso amigo sr. Joaquim Pereira Paulo.



Albertina dos Prazeres Ramos, uma das creanças que no dia 28 de Julho fez a sua primeira communhão na igreja parochial de S. Vicente de Fóra, Lisboa.

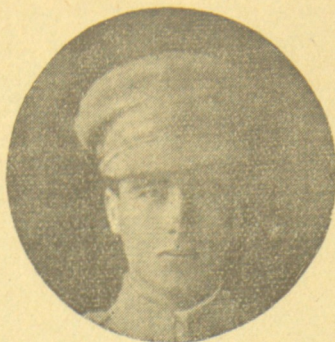
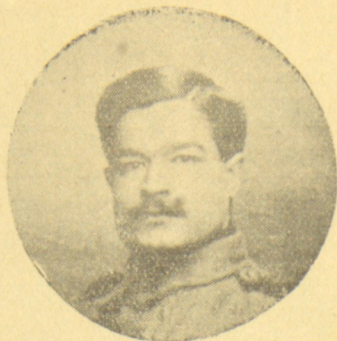
A Illustração Catholica querendo render uma justa homenagem aos soldados portuguezes mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros nos campos de batalha de França e Africa vem por este meio rogar aos seus ex.^{mos} assignantes, collaboradores, correspondentes e leitores o obsequio de conseguir das familias d'estes heroes as suas fotografias para aqui serem publicadas em logar proprio.

Restituem-se as fotografias apoz a sua publicação.

Ao leitor

Depois de lida enviar esta revista á Junta Patriotica do Norte, [Paços do Concelho, Porto] a fim de esta a mandar para os nossos soldados no «front».

Portuguezes na guerra

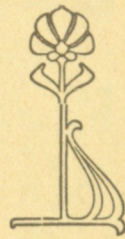
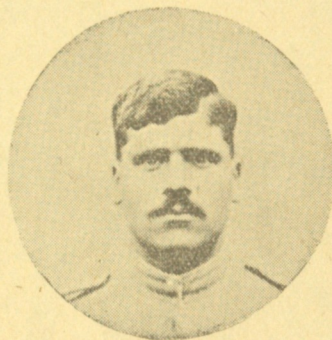


Severiano dos Reis Monteiro
1.º cabo telegraphista, prisioneiro dos
allemães no campo de concentração

Francisco Nunes, Codea, de Bena-
vente, 1.º cabo, ferido em combate e
desapparecido



Fernando Eurico da Costa Oliveira, Alferes de infantaria 6
foi prisioneiro no combate de 9 de abril e actualmente em Strasburg Westprenasem

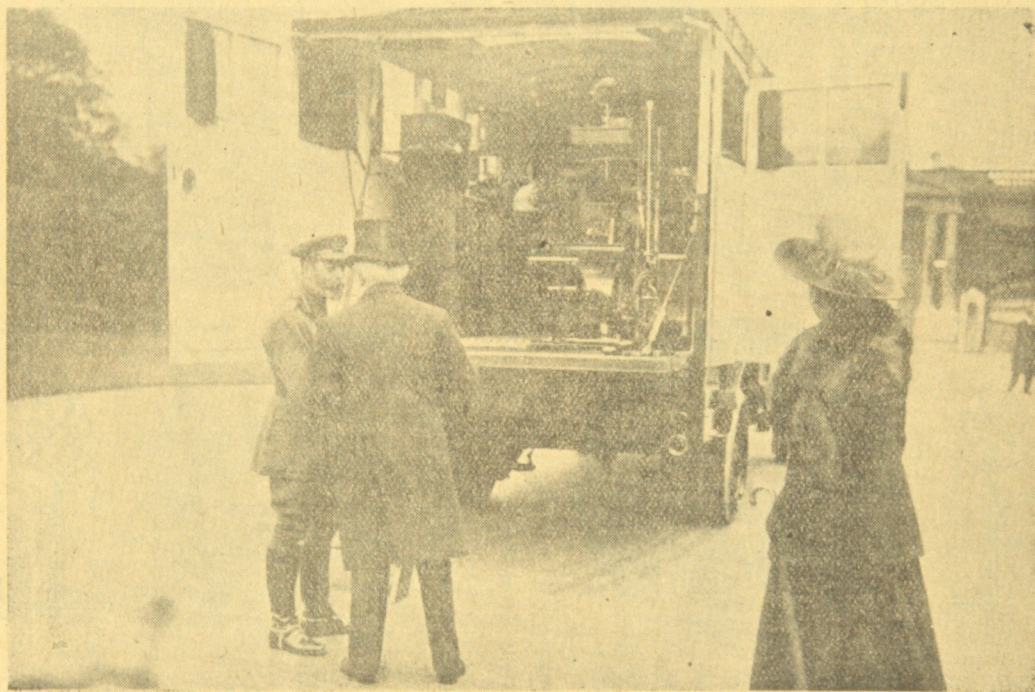


Balthazar de Castro, de Santavalla,
Valpassos, feito prisioneiro no combate
de 9 de abril, evadiu-se a 15 de Ju'ho
sendo actualmente 1.º sargento de in-
fantaria 15 C. E. P.

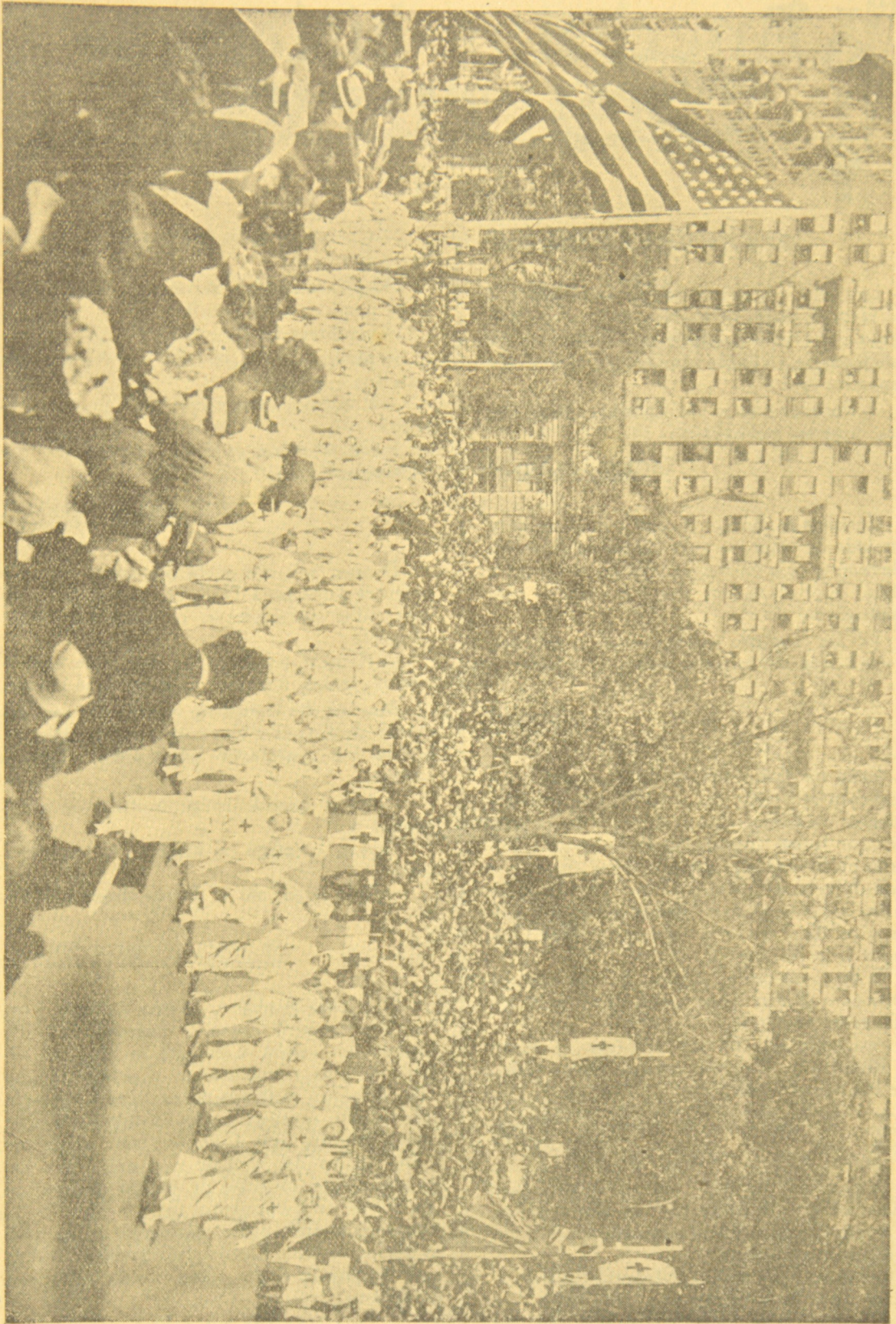
Domingos Rodrigues
de Benavente, Clarim da 2.ª
bateria do 2.º grupo, quasi cego



Kerensky conferenciando com Henderson na sua passagem por Londres



Jorge V, rei de Inglaterra e o embaixador da França, inspeccionando um carro de ambulancia sanitaria do novo systema



Celebrando o primeiro aniversário da declaração de guerra dos Estados Unidos à Alemanha, mais de 75.000 pessoas, soldados, marinheiros e enfermeiras da Cruz Vermelha desfilam pelas ruas de Nova York

Anecdotas - historicas

Ditos - e - pensamentos

Mad. de Montespan

Luiz XIV era devoto até ao fanatismo e a sua favorita, Mad. de Montespan, era excessivamente escrupulosa. Estranhando-lhe um dia a duquesa de Uzés tão grandes escrupulos, ella respondeu-lhe:

— Por que cometto um peccado entende que devo cometer muitos?!

Christina da Suecia

Christina da Suecia chegou a Fontainebleau entrajada de amazona e as damas da côrte receberam-na com muitas contumelias e repetidos beijos. A princeza, um pouco humilhada pela familiaridade, disse:

— Que furia deu a estas senhoras para beijar-me! Será por eu estar vestida de homem?

Guilherme I

Cada um dos soberanos que assistiram ao congresso de Vienna era hospede d'um membro eminente da aristocracia austriaca. Num jantar, para que foram convidados os soberanos e o barão de Rothschild, este teve logar em mesa á parte da dos reis. Todos foram cumprimentar ao seu logar humilde o famoso banqueiro, menos o rei da Prussia, que foi mais tarde Guilherme I da Allemanha.

E perguntado-lhe alguém porque não fez como os outros reis que foram cumprimentar o millionario, respondeu:

— Porque não fui cumprimentar o barão de Rothschild? Tambem porque sou o unico que lhe não devo dinheiro.

O cego

A princesa Mathilde ia todas as manhãs a casa d'um grande pintor que lhe andava fazendo o retrato e passava sempre uma ponte, onde lamuriava um cego.

— Formosa e caritativa seahora, tende compaixão d'este pobre cego!

Um dia que a princeza passou e não deu esmola ao mendigo, ouviu que elle disse:

— Como! Então a princeza já esqueceu o seu pobre cego?!

Surprehendida por ser reconhecida pelo cego, a princeza perguntou-lhe:

— Conhesce-me?

— Muito bem. Quem uma vez vos viu não mais vos esquece.

— E como podeis saber que sou eu se, és cego?

— Oh, senhora princeza, o cego não sou eu, mas este cão,

Dumas e Soumet

Dumas, pae, e o poeta Soumet assistiam á *premiere* d'uma peça d'este, e, como ao lado, um espectador adormecesse, o romancista disse ao poeta:

— Reparai na força de opio que tem os vossos versos, que este espectador já resona.

Mas no dia immediato representava-se um drama de Dumas e Soumet, vendo tambem na plateia um espectador adormecido, disse a Dumas:

— Vede, querido amigo, o effeito da vossa prova!

Dumas encolheu os hombros e respondeu logo:

— Esse ficou ahi a dormir desde hontem.

A pesca de Marco Antonio

O celebre triumviro, Marco Antonio, gostava de pescar á canna, e querendo um dia li-ongear a rainha Cleopatra mandou que alguns homens mergulhassem e prendessem ao seu anzol os melhores peixes mas sem que a sua amante se apercebesse do logro. Foi uma pesca famosa, mas Cleopatra não se deixou enganar. No dia seguinte ella ordenou a um pescador que ao anzol de Marco Antonio só prendesse peixes salgados. Grande regosijo do triumviro quando sahio o primeiro peixe, mas o desapontamento foi completo quando reconheceu a qualidade do peixe. Então, Cleopatra disse-lhe:

— Deixai a canna aos pobres pescadores, e vingai-vos em conquistar reinos.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres e maritimos, grèves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Póvoa de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha

Largo do Berão de S. Martinho — BRAGA.

Luneta de Ouro

Officinas de escultura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotais.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Savidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quoesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA